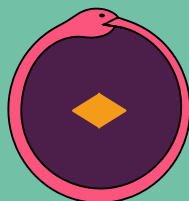


O MUNDO ESTÁ SENDO PARIDO  
O TEMPO INTEIRO

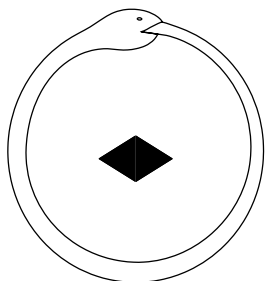
Ailton Krenak, Álvaro Tukano,  
Daiara Tukano, Francy Fontes  
e Idjahure Kadiwel

ciclo ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA

4/4



cadernos  
SELVAGEM



## O MUNDO ESTÁ SENDO PARIDO

### O TEMPO INTEIRO

Ailton Krenak, Álvaro Tukano, Daiara Tukano,

Francy Fontes e Idjahure Kadiwel

Ciclo de Leitura do livro *Antes o mundo não existia* 4/4

A capa é ilustrada por uma desenho de Tõrãmũ Kêhíri

A seguir encontra-se uma edição da conversa do quarto e último encontro do ciclo de leitura *Selvagem* do livro de Firmiano Lana (*Umusi Pãrõkumu*) e Luiz Lana (*Tõrãmũ Kêhíri*), *Antes o mundo não existia*, ocorrido em 12 de agosto de 2020.

**IDJAHURE KADIWEL:** Boa noite. Bem-vindos ao nosso último encontro deste ciclo de estudos do livro *Antes o mundo não existia*. Nossos convidados de hoje são os mestres Ailton Krenak e Álvaro Tukano. Gostaria de rememorar os últimos encontros, o primeiro com o Jaime Diakara, escritor, artista e antropólogo do povo *Desana*, em que ele levantou a discussão da narrativa ou mitologia, e a falta de um vocabulário para designar esse amplo conjunto de conhecimentos, terapêuticos, botânicos, ecológicos. O Jaime nos trouxe ainda aquelas interessantes noções, de geomitologia, de geomedicina. Trouxe a ideia de que esses objetos que *Yebá Buró*, a 'Avó do Mundo', a 'Avó da Terra', cria com ela, esses objetos que desde o início aparecem nessa narrativa, nessa mitologia, têm uma profunda simbologia e vida. Sua abordagem foi para abrir a mente, para abrir caminhos e não ficar na letra do texto. A gente aprofundou essa dimensão das narrativas míticas como teoria, como epistemologia, com o Dagoberto Azevedo e o João Paulo Barreto, antropólogos do povo Tukano que abordaram noções presentes em sua publicação de autoria coletiva sobre o pensamento tukano, *Omerõ: constituição e circulação*

*de conhecimentos yepamahsã*<sup>1</sup>. E assim continuamos aprofundando esse susto de encarar essas narrativas, essas mitologias, como um profundo conhecimento transdisciplinar.

Nossa canoa da transformação foi para outro lugar quando ouvimos o Denilson Baniwa falando da arte, de como a visualidade presente no livro, feita originalmente por Feliciano Lana e nesta terceira edição ilustrada por Luiz Lana, hoje é traduzida e transformada em lasers em suas obras, que ele projeta sobre a cidade, de como essas linguagens visuais têm mil desdobramentos. A Francy, minha parceira na organização do curso, nos trouxe um contraponto feminino para essa predominância dos narradores homens que a gente foi conhecendo, dos narradores indígenas rionegrinos. Ela fez isso com base em sua pesquisa de mestrado, na qual ela pôde ouvir seu pai e elaborar sua perspectiva a partir de outro povo, do povo **Baniwa**, habitante de outros rios, do rio Içana e Ayari, ao passo que os povos da família linguística **Tukano** encontram-se no Uaupés e Tiquié.

Nossa ideia foi a de explorar o livro por meio de várias lentes, como se estivéssemos apreciando de vários ângulos, de diversas perspectivas. Hoje vamos produzir mais conexões, sem nos ater especificamente ao roteiro das maravilhosas histórias presentes no livro. Eu indiquei como leitura complementar o *Tembetá* do Ailton e do Álvaro, um trabalho editorial que eu fiz parte. Conversando com Ailton na semana passada sobre essa ideia de mitologia e narrativa, um texto que ele mesmo indicou foi *As alianças afetivas*<sup>2</sup>, que é uma conversa, uma entrevista dele com o antropólogo Pedro Cesarino, na Bienal de São Paulo, alguns anos atrás. Do Álvaro, eu indiquei também o livro *O mundo tukano antes dos brancos*, publicado em 2017 pela Editora UnB.

É um final de ciclo, estamos sintonizados, vamos fazer um Programa de Índio, que nem Ailton e Álvaro estavam inaugurando em 1985.

---

1. Livro de autoria de João Paulo Lima Barreto, Dagoberto Lima Azevedo, Gabriel Sodré Maia, Gilton Mendes dos Santos, Carlos Machado Dias Jr., Ernesto Belo, Jo  Rivelino Rezende e Lorena França, publicado por meio de uma parceria entre o Núcleo de Estudos Indígenas da Amazônia Indígena (NEAI) e a Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA) em 2018. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/omero-construcao-e-circulacao-de-conhecimentos-yepamahsa-tukano>.

2. Disponível em: [https://www.academia.edu/37323976/As\\_alian%C3%A7as\\_afetivas\\_entrevista\\_com\\_Ailton\\_Krenak\\_por\\_Pedro\\_Cesarino](https://www.academia.edu/37323976/As_alian%C3%A7as_afetivas_entrevista_com_Ailton_Krenak_por_Pedro_Cesarino).

*Antes o mundo não existia* inaugura a publicação de livros brasileiros com autoria indígena, e eu estava pensando, como não tem mais livros como esse? Esse livro é um livro laborioso, ele tomou 12 anos de escrita. *A queda do céu*, outro livro fundamental que também tem ganhado muita visibilidade, tomou quase 30 anos para ser produzido, todo um profundo pensamento tradutório perpassa esse tipo de conhecimento. Ter essa imersão, essas perspectivas me causam uma alegria enorme, mas, penso também, por que não tem mais livros como esses? Por que não tem mais esse tipo de literatura, que cativou tanto cada um aqui? É um pensamento, uma provocação. Quer fazer também uma consideração, Fran, nessa nossa boas-vindas aos nossos convidados?

**FRANCY BANIWA:** *Puranga pituna panhã penhê arã*. Boa noite a todos e a todas. Bem-vindos nossos guerreiros, nossos *maadzero*. É uma satisfação e uma grande alegria para mim e para todos da família Selvagem recebê-los e finalizar esse nosso ciclo, mais um ciclo de estudos, no qual estamos lendo um livro lindo, com vários conhecimentos, uma narrativa linda do povo *Desana*, do Alto Rio Negro. Ter a participação de vocês hoje vai enriquecer nossos outros olhares em relação a esses mundos indígenas, a essas falas das nossas avós, bisavós, da nossa própria história.

Eu acho que é uma fala nossa, das nossas conversas — não sei se seria cosmologia, mitologia, narrativas, mas é uma fala nossa, como povo *Desana*, como povo *Baniwa*, como vários outros povos, acho que esse momento é justamente para a gente compartilhar essas interpretações, o significado dessas falas para a gente hoje. Então acho que esse *Antes o mundo não existia* – na verdade, o mundo sempre existiu: aos nossos olhos, esses lugares de origem sempre fizeram parte do nosso mundo, sempre estiveram presentes na nossa vivência, no nosso cotidiano, na nossa fala, seja na comunidade, na aldeia, sempre fizeram parte do nosso mundo, como ser humano. A gente sabe que somos animais humanos, a gente entende as situações. É nosso encontro, com muita alegria, com muitos saberes a serem compartilhados com todos nesse momento. É uma alegria poder ouvi-los com a experiência, com a bagagem incrível, seja de movimento indígena, seja na academia, seja em uma conversa dentro de

uma comunidade, ou embaixo de uma árvore, ou na rua, a gente acaba compartilhando esses saberes, essas falas, esse conhecimento. Só resta à gente navegar nessas falas, deixar-se guiar pela canoa da transformação mais uma vez e finalizar essa nossa boa conversa com muita partilha e muita interpretação. Sejam bem-vindos!

**AILTON KRENAK:** Viva! Que bom que estamos debaixo dessa árvore, dentro dessa canoa, em qualquer lugar. Obrigado, Fran, pela acolhida maravilhosa. É uma fala provocativa e acolhedora ao mesmo tempo, para estarmos aqui, nesse ambiente que a gente está criando com as nossas empatias.

Antes de começarmos essa cerimônia que nós estamos inaugurando aqui, eu estava pensando no estado de espírito que me envolve nessas conversas, nesses encontros. Eu estava me lembrando, experimentando no corpo a sensação da gente estar lá dentro do Memorial dos Povos Indígenas, quando alguns anos atrás, eu e o Álvaro, junto com alguns outros parentes, inauguramos o Moitará, uma série de encontros em que a gente queria ambientar esse tipo de conversa. O Ernesto Neto, a Anna Dantes, esses queridos já estavam com a gente lá, quando estávamos traçando os roteiros, e me alegra muito imaginar que esse momento que nós estamos agora compartilhando é o *continuum* daquele mesmo desejo, daquela mesma vontade de convocar essas narrativas para que elas pudessem acender estrelas no céu, constelações. Exatamente pelo caráter plural que ela tem, abordar uma dessas estrelas da constelação chega a ser uma minúcia; ir lá dentro dessa minúcia, dessa estrela, e começar a explorar as suas dimensões.

A introdução que o querido Idjahure fez convocando as memórias recentes e as pessoas, celebrando toda essa construção, que às vezes pode ser posta em questão se é mito, se é narrativa, convocando uma cosmovisão... Essas questões sempre vão ficar pairando, dependendo do lugar onde essas conversas acontecem. Mas aqui ela fica confortável como uma narrativa. Quando nós discutimos a lógica ou a razão do ocidente, a gente chama de “uma narrativa ocidental”. Essa narrativa ocidental, que nos aporta a todos, ela tem muita gente, ela tem muitos povos, muitas culturas e o que ressalta à luz de cada um é a narrativa.

Nós estamos vivendo um tempo de disputas de narrativas e isso pode tornar a qualidade de “narrativa” alguma coisa menos importante ou menos relevante do que uma cosmovisão ou convocar um mito, uma narrativa de origem. O Idjahure mencionou uma conversa que eu tive com o Pedro Cesarino sobre a possibilidade de contato de onde nós estamos agora com esse lugar de antes do mundo existir. Como a Fran tocou nessa questão, eu não vou perder a oportunidade de fazer uma visita a esse lugar, esse lugar onde o tempo não tinha a contagem que nós fazemos do tempo. Eu disse que nós podemos chamar esse tempo de “tempo do mito” e que esse tempo é anterior à angústia da certeza, é quando os seres não tinham nenhuma angústia sobre nada e eles experimentavam a incerteza viva. Se a gente pode experimentar esse contato com um lugar anterior à contagem do tempo, nós podemos considerar que esses mundos que nós compartilhamos não existiam. E aí não é difícil, não há nenhuma contradição em afirmar que antes o mundo não existia. Porque os mundos são criações nossas. Nós criamos mundos, mesmo quando nós pensamos no mundo como essa superestrutura, o planeta. Se nós pensássemos sinônimos de mundo, Terra, para além das outras representações de mundo, nós estaríamos nessa construção de mundo. Nós não somos um evento ao longo das criações de mundo, nós somos participantes ativos dessas criações de mundo.

Quando nós olhamos a narrativa que integra várias constelações de povos que hoje a gente localiza na geografia lá no Alto Rio Negro, mas que já navegaram em outras águas, a gente pode convocar nossos amigos que estão, por exemplo, no Sudeste e dizer: “Olha ali a Baía da Guanabara! Veja o Lago do Leite!”. Talvez seja essa geografia, ou essa geologia, que o nosso querido Diakara estava convocando quando ele falou em uma geonarrativa, quando ele falou sobre uma história da terra, uma história da terra se fazendo, uma história de construção, tanto de mundo geológico, mundo físico, quanto de mundos imaginários que constroem, que criam uma parábola muito bonita que é de nos perceber em constante criação.

Os eventos que deram origem aos mundos que nós imaginamos não estão demarcados em uma linha do tempo, em uma coisa que seria o passado, mas eles estão aqui, agora. Esse mundo que nós estamos

compartilhando, ele está em criação. O mundo está se criando o tempo inteiro. O mundo é criado toda hora. Cada vez que nós evocamos o mundo, ele entra em processo, em parto. É como se o mundo estivesse sendo parido o tempo inteiro. Enquanto nós estivermos experimentando essa memória, enquanto tentarem ativar essa memória, o mundo está em criação. Os objetos que foram referidos como objetos que são ativados lá nos eventos inaugurais de algum mito, de alguma passagem, eles continuam vivos e ativos e funcionando. Nesse sentido, a canoa da transformação está viva, ativa e funcionando.

Eu achei muito interessante se referir à fala do Denilson, quando ele fala do laser, porque a transfiguração daqueles objetivos que nós configuramos em outras reconfigurações, só confirmam essa constante, permanente, criação de mundo, tanto do mundo que nós imaginamos, o planeta Terra, quanto do mundo que as nossas narrativas convocam, convocam como ações, convocam como atividades criadoras de vida. Nós podíamos pensar também que quando nós falamos de mundo, nós estamos falando de alguma coisa que tem uma relação muito próxima com o entendimento da vida. Isso se aproxima da abordagem das metamorfoses, que transformam, transformam, transformam... A relação desse incrível movimento de vida, de criar vida, ela nos atualiza com aquele instante que, na narrativa, nós podemos indicar como alguma antecedência desse instante que nós estamos vivendo aqui e agora. Eu estou chamando de incerteza viva. Essa experiência da incerteza viva é anterior à angústia de contar o tempo, anterior à ideia do tempo. Não é uma extravagância trazer uma narrativa com a sua inauguração num antes do mundo existir, porque nós somos capazes, em diferentes lugares do mundo, de constituir narrativas que nos dão potência de existir, que nos dão potência de existir e ter coragem de habitar a incerteza. Ela não é um certificado. Talvez um pouco de engano pode levar alguém a entender que quando escuta a narrativa de um mito, ele esteja sendo posto diante de uma certificação. “Ah, aquele povo tem um mito de origem... Ah, aquele povo consegue reportar uma história que pode ser referenciada na geologia, na geografia, nas topografias desses territórios de onde eles emergem. É por isso que eles podem dar nome às montanhas, aos rios. É por isso que eles conseguem identificar as suas

relações de parentesco com entes não humanos, porque estão fazendo contato com uma memória que certifica essa antiguidade dessa narrativa”. Seria bom habitar aquele lugar da incerteza para que essa angústia não criasse nenhuma tensão quando nós tivermos a oportunidade de compartilhar uma dessas narrativas, exatamente pela sua natureza plural, pela sua insurgência no sentido de diversidade. Ela convoca constelações. Então, como ela convoca constelações, ela não reivindica nenhuma exclusividade.

Uma observação que eu tenho feito em relação às várias narrativas que eu tenho a graça, a gratidão de poder ter experimentado no meu ser, na minha memória, na minha observação, é que nenhuma delas reivindica ser a única. Todas têm abertura para aquilo que o Idjahure chamou de transculturalidade ou transdisciplinaridade. É quando você não vai perguntar a alguém: “Ele é um geógrafo? Ele é um físico? Ele é um botânico?” Essa marcação de lugares de onde aquela visão está sendo comunicada é diluída em uma predisposição à escuta, em uma predisposição a deixar passar mais um fluxo de criação de mundo. Acrescenta mundos ao invés de erodir mundos, ao invés de esvair mundos. Você, na verdade, entra em uma experiência de criação de mundos, onde os mundos não são pretéritos, os mundos são aqui, agora, em criação permanente. Eu tenho cada vez mais sentido a importância dessa acolhida e dessa apreciação das narrativas como luzes que iluminam ambientes da nossa própria observação de seres no mundo sobre os outros seres todos, para além dos humanos, para além das pessoas, para além da diversidade cultural; a gente consegue acessar o sentido do que às vezes falamos, mas não conseguimos tocar, que é o cosmos. Quando nós falamos de cosmogonia, nós não estamos nos referindo a somente um conduto narrativo, nós estamos imaginando essas narrativas todas se atravessando.

A primeira vez que eu tive contato com a ideia de buraco de minhoca, uma possível conexão no cosmos entre uma galáxia e outra, eu entendi, de cara, o que estava sendo dito, porque eu já tinha experimentado, em termos de convocar uma possibilidade de expansão da mente. Alguém pode dizer que fez isso em uma viagem xamânica ou em uma meditação, porque isso é possível em diferentes estados. É possível, inclusive, na produção de um texto, na produção de uma obra, de um audiovisual,



de um objeto, porque estamos falando da transcendência dessas formas, quase como o design, como desenho. A transcendência desses desenhos que nos chegam, que a gente consegue dar sentido a eles, mas que estão em imensa transação nesses conjuntos ou nesses complexos que eu estou chamando de constelações. Nós estamos, quando a gente se debruça sobre uma dessas estrelas, que é o que estamos fazendo agora, nós estamos fazendo uma escolha de olhar essa estrela, a minúcia dela. E é maravilhoso ver como foi se constituindo essa estrela ao ponto de ela ganhar as configurações dos vários objetos que já foram referidos aqui na ação de criar mundo. Então nós estamos falando de mundos e das ferramentas — eu não gosto dessa palavra ferramenta, porque eu a acho muito limitada. Mas nós estamos pensando em gestos essenciais para que uma cosmovisão chegue a instituir mundos, criar mundos. Essa narrativa da canoa da transformação, que a gente pode relacionar com muitas outras naves, com materialidade ou sem nenhuma materialidade, é maravilhosa porque ela dispara o que pode ser pensado como um núcleo de subjetividade que cada um de nós porta. Assim como cada um de nós tem medula, cada um de nós tem um núcleo de subjetividade que é capaz de criar mundos, mundos, mundos, mundos. E despertar essa coragem e provocar esse interesse nas pessoas é a melhor coisa que a gente pode fazer; ao invés da gente erodir mundos, comer mundos, que tem sido uma experiência muito dura para vários povos em diferentes lugares do planeta, essa experiência de erosão do mundo. Nós estamos vivendo, agora, no começo do século XXI, uma experiência radical de sentir o mundo se esboroando.

Eu me lembro uma vez que o tukaninho, o querido Álvaro Tukano, voltou de uma visita à aldeia no Rio Negro. Ele foi lá ver os seus parentes e a primeira impressão que ele me deu quando nós nos falamos — a gente se comunicou à distância, ainda não era esse tempo de pandemia, é óbvio, mas a gente usou o telefone e a mensagem dele foi curta para me dizer o seguinte: “A Terra está podre”. Como o Álvaro se comunica muito em código, quando ele mandou essa para mim, “a Terra está podre”, eu senti aquela porrada, aquela pressão, e eu fui pensar, eu fui fazer meus estudos. Ora, o que ele sentiu, a tensão que ele sentiu, muita gente em diferentes lugares do planeta está sentindo e consegue, em

alguns casos, vocalizar esse sentimento. Essa semana a chamada é: “Um paraíso terrestre está sendo destruído por derrame de petróleo”. Uma convocatória geral para tentar ir lá conter aquela desgraça. Terra podre. No Líbano, um depósito de material tóxico explode, pega fogo, arrebenta tudo. Terra podre. Uma devastação de mundos que a gente edifica, que a gente quer abraçar e que está escapando do nosso abraço.

Criar mundos é uma urgência. Potencializar narrativas que criam mundos é uma emergência. A gente precisa fazer isso. É assim que eu embarco na canoa da transformação, fazendo uma viagem, que sempre me animou demais, que é aquela de antes a gente não tinha esse corpo. Porque quando me convocam a pensar que antes o mundo não existia, eu consigo pensar antes da gente ter esse corpo, porque foi uma gente-peixe que entrou naquela canoa da transformação. Quem embarcou nela não tinha corpo humano, quem embarcou nela tinha uma maravilhosa memória da terra em constelação, porque é uma memória da terra que sabia do cosmos. Eu acho tão maravilhoso a gente poder contatar a ideia de uma memória que transcende a essa coisa antropomorfa que nós nos constituímos. A gente convocou tanto esse formato que a gente acabou todo mundo ficando parecidos uns com os outros, cabeça, tronco e membro. Mas a gente já foi outras... outras existências. É dessas outras existências que a canoa da transformação fala. Ela fala de outras existências. Em um tempo em que a gente está invocando outros mundos, a gente tem a fantástica riqueza de poder convocar também outras existências.

Eu tenho visto uma convocatória da geração atual sobre *reexistir*, resistir na resistência ou reexistir, viver reexistindo, porque ela traz a complexidade do conflito político e do conflito entre as diferentes narrativas que estão pairando, pairando sobre as nossas cabeças e com a potência de atravessar também os nossos corpos. Habitar um lugar anterior a essa forma, anterior à própria ideia do mundo, anterior à configuração do mundo como nós o percebemos, é uma experiência transcendente, porque ela nos põe naquele lugar que eu convoco como a experiência da incerteza viva. É a incerteza viva.

A canoa da transformação já decolou do Lago de Leite, embarcou todo mundo que ainda não era gente, pelo menos não era humano,

antropomorfo e começou uma viagem que transforma o mundo e transforma também os seres, a configuração de seres. Essa configuração que nós temos, que às vezes é muito confortável e todo mundo fica à vontade dentro dela, é só uma casca, uma capa. Eu me lembro uma vez que o Kopenawa Yanomami disse que é um envelope. Eu achei muito bacana o Kopenawa Yanomami dizer que esse corpo que a gente perambula por aí é um envelope. Quando a emissão é feita por um espírito, essa carcaça é só um envelope. Mas é preciso saber sobre algumas outras coisas, anteriores, para chamar isso de envelope. Nós constituímos uma humanidade que pensa que são essas carcaças que circulam por aí. Um potencial desastre é exatamente estabilizar a mente nesse lugar, pensar que nós somos essas carcaças que circulam por aí. Porque uma humanidade zumbi é constituída de carcaças também, que andam por aí, predando o planeta e predando outros seres, uma humanidade zumbi. Seria interessante a gente considerar a possibilidade de que em um mundo com avançada movimentação zumbizante, que caminha para uma humanidade zumbi, resistem as sementes nativas. Assim como você busca em uma feira de agrofloresta as sementes crioulas, as sementes nativas, que podem revitalizar a produção de alimentos, de remédio, de comida, de coisa boa e saudável, existem também, nessa vasta humanidade, as sementes originárias. São essas sementes originárias que trazem a narrativa sobre as plantas mestras, sobre todos os outros não humanos que já se comprovaram em outras eras, inclusive, nossos mestres, nos ensinando a domesticar as espécies que poderiam ficar perto da gente para nos ajudar, nos ensinando a evitar algumas que precisavam de evitação e nos despertando para um tipo de afeto com a potência desses mundos em constante criação.

A canoa sobe. Dentro da canoa, a transformação é um evento que nos aproxima dessa experiência de humanidade plural que nós integramos. A gente-peixe que entrou na canoa foi passando por uma experiência de transformação ativa. A transformação ativa é quando o espírito participa da escolha do envelope. O espírito é capaz de configurar com que corpo ele quer andar aqui no mundo. Eu acho isso maravilhoso porque é a produção de pessoa. Nos ritos, nas cerimônias onde os adornos e os objetos são convocados, eles ganham sentido e expressam potências

próprias, inerentes a cada um deles: o cigarro, o banco, as flautas, os troncos. Assim como no kuarup, ele é revitalizado, é revisitado, é abraçado, e depois é despachado, significando uma saída desse mundo, esses mundos têm portas de entrada também. Então é muito rica essa narrativa que é capaz de dar conta da transformação de nós, que pensamos ser humanos, e de tudo que participa da criação, junto, ao mesmo tempo, com a nossa experiência de *Transformers*, de estar sendo outros seres aqui na terra. Nós podíamos passar por essa experiência, eclipsar a memória e sair por aí — mas nós queremos ser corpos vivos em uma terra viva. E isso implica conexões, para ter corpos vivos em terra viva tem que ter poros. Nós temos que ser capazes de nos plugar nos poros desse organismo fantástico que é a Terra e fazer a transformação dentro desse fluxo. E sermos capazes de observar quando a Terra está sofrendo algum dano a ponto de ficar podre em alguns lugares. Porque ao mesmo tempo que a Terra faz a nossa cura, nós também fazemos a cura da Terra.

Os nossos parentes *Тикмũñ*, que são chamados também de *Maxakali*, vizinhos aqui dos *Krenak*, no esclarecimento recente sobre os morcegos e a aproximação forçada que os sanitaristas fazem de dizer que o morcego trouxe a pandemia e tal... Os nossos parentes *Maxakali* dizem: “Ah, mas nós temos uma outra relação com os *xũñĩm*, os morcegos. *Xũñĩm* é o espírito que cura a gente quando a gente está doente. Ele cura; ele não adocece. Então é muito interessante esses paradigmas que constituem mentalidades onde seres que são de cura e de criação passam a ser estigmatizados como espécies que ameaçam. Na verdade, todos esses seres, toda essa imensa constelação de seres, que viajam na canoa da transformação junto com o que nós achamos que somos cada um de nós, as nossas pequenas constelações, estão participando todo o tempo da criação da vida no planeta. A riqueza dessas narrativas e a maravilha da gente poder transcendê-las e evitar o essencialismo... O essencialismo seria aquela narrativa única, aquela que diz: “E Deus criou o céu e a terra, e criou o Joaquim e a Maria, e despachou ambos em uma viagem sideral”. Ora, essa narrativa única tem sido a causa de muito genocídio, de muito epistemicídio e tem configurado também, em relação ao planeta e ao mundo, um ecocídio. As provas de que uma narrativa só é uma roubada estão anunciadas em várias falas recentes. A nossa

querida Chimamanda, que aportou no Brasil através de seus textos, da sua literatura, e que já fez presença entre nós, ela diz: “O risco de uma única narrativa é muito grande”<sup>3</sup>. Eu concordo plenamente com a Chimamanda, porque ela vem de um mundo onde as narrativas são tantas, que é o continente africano, de onde emergem tantos mundos, que daria para afirmar, numa boa, que esses mundos nunca vão acabar.

Parece que foi atribuído ao Lévi-Strauss, porque eu vi um texto que atribui a ele essa frase, de que o mundo começou sem os seres humanos e pode, numa boa, continuar existindo sem os seres humanos<sup>4</sup>. Para essa citação não ficar solta, fora da canoa da transformação, a gente podia entender o que ele está dizendo da seguinte forma: esse mundo configurado pelo pensamento ocidental, como uma plataforma única, para se instituir uma narrativa única, ele existiu antes desses humanos e quando esses humanos sumirem, ele continua existindo. Uma observação é que alguns seres que transitam na condição de humanos têm memória de existência de quando eram peixes, de quando eram pássaros, de quando eram montanhas, de quando eram cristais, de quando eram estrelas. A última oportunidade que eu tive de escutar alguém falando sobre sermos fragmentos de estrelas foi na última edição do Selvagem, com o público dentro da sala e a gente ouvindo o nosso querido Emanuele Coccia, em uníssono com o Dorion Sagan; o Dorion e o Emanuele ajudaram a construir esse triângulo narrativo maravilhoso que coincide com a possibilidade de nós sermos, assim como esse planeta maravilhoso, esse mundo maravilhoso, físico e geofísico, que a gente experimenta, poeira de estrelas. Então essas narrativas, elas têm uma integridade, elas não são fabulações.

— Aquela informação que o Idjahure fez, que há 40 anos nós tivemos

3. A palestra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie na série de conferências TED, *The danger of a single story*, de outubro de 2009, está disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Sua fala foi traduzida e editada no livro *O perigo de uma história única* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019).

4. Trata-se, na verdade, de um tópico recorrente no pensamento de Claude Lévi-Strauss, que emerge primeiro no final de *Tristes Trópicos* (1955), ressurgindo também ao termo de duas de suas obras maiores dedicadas à mitologia indígena, *Origem dos modos à mesa* (1968) e *O Homem Nu* (1971), assim como, posteriormente, em um discurso seu ao receber o Prêmio Internacional Catalunha, em 2005, já aos 96 anos de idade.

esse presente de ganhar na forma de texto a publicação feita pela Berta Ribeiro e pelos nossos queridos Luiz Lana e Firmiano Lana, essa maravilha que só veio há luz há 40 anos, habitava um outro universo narrativo da oralidade. Ela habitava um outro lugar, da oralidade, e só veio a ser livro quando alguém se dispôs a fazer o que o Idjahure muito bem saudou como um trabalho minucioso de escuta e de colaboração para trazer do mundo da oralidade para o mundo do texto, para ganhar essa paisagem dos textos literários. O fato disso ser tão raro é porque essas narrativas estão viajando em outras constelações. Quando alguém sentado na maloca conta essa história, essa história acende luzes em todo o esteio da casa, nas varas da casa, e os bancos e todos os objetos que estão ali se acendem. Tudo acende, porque é um dispositivo, assim como o laser que pode desenhar uma cena no espaço, esse dispositivo também acende luzes e ativa o sentido vital de todos os objetos que são manipulados, que são convocados, que são chamados para integrar esse ritual. Essa maravilha diminui sua intensidade quando vem para o texto, é uma transição, é uma passagem. Assim como aqueles corpos-peixes, que entraram na canoa da transformação, foram virar gente para estabelecer sítios, cada um deles em um lugar, onde você pode depois fazer o mesmo caminho e olhar as marcas na laje de pedra. Chegando em alguns sítios como Iauaretê ou São Gabriel da Cachoeira e alguns outros sítios, eu vejo uma laje onde estão marcadas as referências dessa narrativa de quando o mundo estava em transformação. Essas marcas estão nas montanhas, estão nos páramos, nas planícies, nas cordilheiras, porque a memória dessas narrativas é geológica; talvez seja isso que o Jaime Diakara tenha falado, são memórias geológicas. O Eduardo Galeano fala das memórias do fogo, mas alguns atentos humanos, observadores humanos, conseguiram trazer para a linguagem, para a linguagem verbalizada, para as nossas gramáticas, alguns desses textos que viraram literatura. Virão outros. Aquele foi inaugural e a gente celebra ele a cada vez que a gente pode se encontrar, como agora, nesse ciclo de estudos que vocês puderam olhar a estrela de dentro, ali, esmiuçando a estrela por dentro, guiados por esses narradores que carregaram um presente para a gente.

Tem muitas conexões com essa fantástica narrativa que agora está, de alguma maneira, para além da ideia do tombamento — aquela coisa

que no Brasil houve, um movimento que era de tombar a imaterialidade desses conhecimentos, aquela ideia de fazer o registro das narrativas, fazer o registro dos objetos. Em alguns casos foram feitos fundamentos, parece que os Waiãpi e mais alguns outros parentes iniciaram os processos, mas não concluíram, porque a gente desceu a ladeira. Mas nós estamos cientes da imensa constelação de narrativas e da importância que elas têm agora e que vão, cada vez mais, refletir essa importância em um mundo onde as belas palavras estão sendo queimadas. Então é uma convocatória para a gente animar essas narrativas e compartilhar essas narrativas.

Eu fico totalmente feliz de ter sido convidado por vocês para fazer uma fala livre. Eu não me ative ao texto, a fazer qualquer comentário da obra, porque eu a percebo como uma narrativa viva e que escapa a qualquer tentativa da minha parte de conter os movimentos incríveis que essa canoa da transformação segue fazendo. Porque para mim não é um evento pretérito, não é algo que aconteceu, é alguma coisa que está acontecendo e que a gente pode convocar esse acontecimento toda a vez que a gente se encontra. Eu me lembrei de quando a gente estava no terreiro do Moitará, porque ali a gente conseguia ritualizar muitas dessas narrativas. E uma das experiências mais animadoras que eu tive foi a de convocar o que nós chamamos de cosmovisões, quando a gente trouxe o nosso parente *Kuna* do Panamá para falar, quando a gente trouxe os nossos parentes *Huni Kuin* para falar, gente de várias constelações falando sobre mundos. E eu ficava ali, vendo aqueles mundos todos, aquelas possibilidades de mundos todos. Então é uma fantástica criação de mundo que deveria nos livrar de qualquer ansiedade, de qualquer angústia sobre fim de mundo.

**IDJAHURE KADIWEL:** Eu queria convocar para compor um pouco da sua exposição, que nunca deixa a desejar, podendo abrir essas múltiplas camadas de vida, memória... Sua fala complementa o que a gente tem conseguido trazer para essa fogueira de imagens aqui. Gostaria de poder passar a palavra também para o Álvaro. Se não tivesse limite, a gente bem passava a madrugada aqui...

**ÁLVARO TUKANO:** Boa noite, Ailton Krenak e Idjahure. O mundo existiu graças a esses objetos sagrados, que muitos antropólogos chamam de artesanatos, coisa de índio. Então, Ailton, quero parabenizar, agradecer pelas suas palavras que defendem, que nós defendemos. No começo do movimento indígena fizemos um belo trabalho e você esteve em São Gabriel da Cachoeira várias vezes, a nosso convite, como coordenador da União das Nações Indígenas (UNI). Naqueles momentos nós conseguimos trazer grandes lideranças, que conheciam e que conhecem ainda essas histórias de transformação da humanidade, em São Gabriel, como polo político das vidas de Pari Cachoeira, Taracuí ou Iauaretê, convocamos nossos irmãos do Içana, do Baixo e do Alto Rio Negro para defender as essas ideias de uma maneira prática, e assim fundamos a Federação das Organizações das Nações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), que eu trouxe a cópia lá da Federação do Centro Shuar, do Equador. Então, quero lhe agradecer muito. Também quero agradecer ao Idjahure, agradecer ao seu pai, que é um dos melhores cineastas, amigo de fé, um grande documentarista, que ele tenha sucesso em registrar as ideias que o Krenak, meu irmão Paulinho Paiakan, e tantos outros como Moura Tukano, como Davi Kopenawa, Biraci Yawanawá... Nós formamos, assim, a Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica, que é a COIAB, fundada pelo meu irmão primo Moura. Hoje essa luta prossegue através da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil). Nós estamos defendendo aqui essas mesmas ideias que nós discutimos e defendemos há 40, 60 anos atrás. Também fico muito feliz de ver o Idjahure, a Daiara e minha sobrinha Fran.

Eu venho falar aqui como parte dessa história, que tem a mesma origem. Nós somos *Yepamahsã*. Eu sou *Doethiro*, em homenagem ao *Doethiro* que foi o primeiro homem da humanidade, que nasceu em *Wamu Diá*, que é hoje do outro lado do mundo. De lá que nós saímos. Depois de muitos anos, atravessamos muitos anos para chegar aqui em *Pamuri Yukese*, que é a canoa da transformação e a nossa chegada aconteceu no *Diá Ōhpoko Ditara*, que hoje é a Baía de Guanabara. Nós chegamos, tomamos o *kahpi*, o *Doethiro* ficou muito feliz. Então, para muitos de vocês, que devem estar acostumados a tomar cerveja, batidinha, procurem tomar *kahpi*, que vocês vão ficar felizes. Então o *Doethiro* já tomava



quando chegou aqui, de alegria. Fomos nós que descobrimos o *kahpi*. Esse lugar para nós se chama *Diá Ōhpeko Ditara*, o Lago de Leite Materno, porque quando nós saímos da Ásia, do outro lado do mundo, do *Wamu Diá*, nós éramos mamíferos, peixes, animais e quando chegamos aqui no *Diá Ōhpeko Ditara*, nós éramos peixes, gente em transformação. Então isso para nós é muito importante a gente lembrar até hoje, porque nós não estamos falando de mito não. Nós estamos falando aquilo que nós acreditamos.

Nós acreditamos nas nossas coisas e nós temos que fazer essa auto-defesa para não ficar ouvindo muito papo furado dos pastores, de outros missionários que querem apagar a nossa memória. Então foi assim que construímos uma organização entre povos indígenas. Eu sou da aldeia *Itã Titaha*, São Francisco, no rio Tiquié e nós fazíamos grandes festas com o povo *Desana* de São João, que é a aldeia do Luiz Lana, do Firmiano Lana, que são meus tios. Eles são do clã de *Yai Butirã*, clã de onça branca. Então nós sempre fizemos essas grandes experiências, grandes comunicações, fazendo festas, narrando todas essas coisas, ensinando nossos filhos para eles não se perderem pelo caminho. Eu tenho muita saudade desse povo, além de outros irmãos nossos de todo o rio Tiquié. Na época, nós éramos 79 aldeias e a nossa ideia era unânime de manter as tradições, porque outros lugares, naquela época, já não queriam falar mais de índio, não queriam mais ser índio. Mas no rio Tiquié nós fizemos isso! Então esse livro, *Antes o Mundo não Existia*, é justamente uma resposta àquela época. Foi redigido pelo Firmiano Lana, que era meu tio, com o filho dele, que é meu cunhado, o Luiz Lana, um grande educador e defensor das questões indígenas. Ele, de fato, ainda está vivo lá no rio Tiquié. Essas pessoas, como vocês, como nós, são responsáveis por equilibrar o planeta Terra. Porque quando falamos dessas coisas nós fazemos cerimônias com o meio ambiente para pacificar os espíritos das águas, das florestas, das montanhas. Nós continuamos acreditando nessas doenças espirituais, que funcionam para nós. Os médicos que estudaram em universidades, eles não acreditam mais nas nossas histórias, porque eles são médicos de diploma, que não sabem as nossas histórias, não sabem como funciona o nosso mundo. Nós temos várias línguas, nós, o povo *Yepamahsã*, o povo *Umukorimahsã*, nós que chegamos com

essa canoa no rio, subimos toda essa costa, passamos por Manaus e fomos até Ipanoré, fomos parar lá na cachoeira de Caruru, que em *tukano* se chama *Surë Poëa*, e descemos, penetramos pelo rio Papuri e chegamos lá no Turi Igarapé, que é afluente do rio Papuri e lá que foi enterrado Doethiro, autor de todas essas coisas que nós estamos tratando.

Eu sou desse povo, eu sou uma das lideranças desse povo, que hoje com Daiara e outros amigos estamos tratando como é que nós vamos falar daqui para frente para criar o nosso mundo, para criar novas lideranças daqui para frente, principalmente, Ailton, nossos filhos, nossos netos. Hoje, Ailton e eu, nós somos avôs, eu já sou avô. E vocês um dia serão avós e avôs também. É muito bom falarmos de nossa cultura e falarmos à nossa maneira, esquecer a ordem do ministro, a ordem de outros governos, dos programas, porque quem tem que fazer esses programas somos nós, Ailton, com nossos filhos, com nossas netas. Queria parabenizar assim a Ingrida Pappiani que nos apoiou muito a tratar das situações mais difíceis, nos momentos mais difíceis, dar meus abraços à Maíra, à Inimá, à Daiara, a essa geração. O que eu quero dizer, Ailton, é que você falou muito bem, quero agradecer a todos vocês que estão aqui. Estou aqui em Brasília, nesse momento, observando a pandemia que está aí. Muita gente, infelizmente, foi levada, nós ficamos órfãos, nós perdemos muitas lideranças e, sem dúvida, vamos perder mais, mas temos que sobreviver, justamente para segurar esse timão do barco da transformação, para fazer uma outra geração de sábios, que são vocês aí. Quero agradecer a todos vocês que estão ouvindo o que eu queria dizer.

Falar desse assunto, nós falamos a noite inteira, um dia, dois dias, três dias de festa, só de canoa da transformação, ou a vida inteira. Se nós não falássemos um dia ou a vida inteira, então era uma coisa que não prestaria. Nós tratamos até hoje com muito orgulho desse assunto, porque é isso que nós somos, é isso que nós queremos ser, nós somos desse jeito. Ailton, parabéns. Parabéns a vocês todos.

**IDJAHURE KADIWEL:** Maravilha, Álvaro. Uma alegria plena escutar você agora. Eu estava lembrando de quando o Luiz estava aqui no lançamento do livro, vi a pessoa dele, vi vocês conversando na língua *tukano*. É muito curioso poder rever esses encontros passados com outros olhos,

depois de fazer uma imersão nesse livro. Muito bom ouvir sua saudação para a nossa geração, esse chamado mesmo. Obrigado, Álvaro, pela sua fala.

**FRANCY BANIWA:** Nossa, quanta gratidão pelas palavras, Ailton e Álvaro. Durante as falas comecei a lembrar dos meus tios, principalmente do meu pai, porque o que eu aprendi foi justamente nesse momento, no início da noite, em uma roda de conversa, depois de comer uma quinapira, em um momento de partilha. Eu estava viajando, como se meu pai estivesse na minha frente, conversando comigo, dividindo comigo essas falas. Meu pai me contava isso, meu finado avô, o tio do meu tio. Essas informações chegam na gente, nos fizeram hoje refletir um pouco sobre a oralidade dos repasses desses saberes para nós que somos filhas, que somos netas. A única palavra é gratidão por compartilhar essas visões de outros mundos, da interpretação desse momento que estamos passando, poder ouvir a fala, o conhecimento que vocês têm em relação a nós como ser humano. Ouvir isso faz a gente enriquecer o nosso ponto de vista em relação ao mundo de hoje, a nós, principalmente, seres humanos e esse mundo em que estamos, porque a gente sabe que existiam mundos, mas não era o mundo de hoje. O mundo era diferente, as transformações que ocorreram eram diferentes, o propósito dessas transformações era justamente pensar em mudar nós, seres humanos, em um ser humano pensante, mas nós, infelizmente, a gente não faz isso, a gente não protege nosso meio ambiente, a gente pensa muito na questão do capitalismo, na destruição. O propósito dessas falas, dessas narrativas, dessa cosmologia, dessa cosmovisão, é justamente moldar o ser humano, torná-lo melhor, na questão do seu raciocínio, na questão dos seus hábitos, de compreensão sobre os mundos, sobre outros mundos. Eu acho que ouvindo a fala do Ailton e do Álvaro agora, a gente tem uma noção do que são essas narrativas, a importância dessas narrativas no nosso mundo, como ser humano. Eu acho que a importância que esse livro nos trouxe é justamente ler essas falas de outros mundos, de seres humanos diferentes, não humanos, gente pessoa, gente cobra, que nos permite viajar nessas falas. Esse foi um momento único para todos os participantes de viajar nessa canoa da transformação.

Imagine se a gente pudesse viajar em todas as canoas da transformações de outros povos, imagine quantas riquezas, imagine quantos conceitos, quantos pensamentos novos surgiriam pensando em um mundo melhor que pudéssemos construir, sempre pensando no nosso planeta como um todo, pensando nos nossos rios, na nossa floresta, pensando nessas montanhas que são sagradas para a gente, pensando em respeitar antes de construir um prédio, em pedir autorização se pode ou não, mas, infelizmente, a gente tem esse outro lado, de olhar capitalista, que a gente não respeita esses lugares invisíveis que são sagrados e que fazem parte do nosso mundo. O Ailton nos trouxe um resumo do que são esses conhecimentos e a importância nas nossas vidas. Obrigada, Ailton, obrigada, Álvaro. Para mim, como pessoa indígena, vindo de um lugar tão longe, vindo de um lugar onde a questão do território, de lugares sagrados é muito forte, me fez viajar. Foi como se eu estivesse ouvindo um repasse, uma fala do meu pai com relação a um repasse desses conhecimentos. Gratidão. Acho que a gente aprendeu muita coisa hoje, em coletividade, fizemos um ajuri, um mutirão hoje, no qual a gente compartilhou os nossos saberes com duas pessoas que são *maadzero*, que são conhecedores, são nossos chefes maiores. Muito obrigada pelas falas. Gratidão sempre.

**IDJAHURE KADIWEL:** Então, vocês deixaram o pessoal emocionado aqui, teve muitos agradecimentos por escrito, além da fala da Fran. Quero aproveitar realmente essa presença virtual, essas conexões e transformações que nos fizeram chegar até aqui, onde cada um está, diante do outro, nessa rede. Estou muito feliz. É um momento que a gente vive que não tem como conter, que vaza, essa abundância que a gente vai interpretando através das camadas desse tipo de conhecimento. Gostei muito da fala do Ailton por ter essa capacidade sinótica de olhar vários ângulos, várias perspectivas a partir dessa narrativa, da mitologia *Desana*.

A Anna perguntou: “Assim como o mundo em transformação está sempre existindo, o nosso mundo agora já existia antes também?” Eu acho muito legal essa provocação que a Daiara falou em outra ocasião, e o Ailton também falou aqui, do tempo como “tempo mítico”, a dimensão que essas narrativas abrem, como janelas, como portais de um outro

tempo que coexiste com o nosso. Na verdade, eu acho que esse é um aspecto comum a toda mitologia, narrativa, pensamento indígena – é como se um brilho de uma estrela muito longínqua, distante, ancestral, tivesse um sentido, alcançasse a gente. **Ye'pá Buró** está em um plano aqui conosco, a Avó do Mundo. E é tanta coisa nesse mundo, hoje, que esse conhecimento ancestral parece mais uma das coisas inusitadas, mas esse é um conhecimento realmente ancestral, talvez surpreendente para a nossa modernidade, para esse mundo que a gente está vivendo.

**DAIARA TUKANO:** Eu queria aproveitar para fazer uma provocação, então, sobre as narrativas do tio Luiz – porque é diferente como o *Desana* conta e como o *Tukano* conta. Eu gosto muito quando você fala de **Ye'pá Ũãkihi**, que é o Guia de Todos os Tempos, que, pelo que eu entendi na narrativa do tio Luiz, é o bisneto do tempo, **Umukosurãpanami** para mim. Para nós essa figura desse “Deus Criador” é o Guia de Todos os Tempos. De onde vem essa tradução, porque aí **Ye'pá** é a terra, mas é o tempo ao mesmo tempo. De onde que a gente puxou essa ideia de tempo ligado à criação?

**ÁLVARO TUKANO:** Queria dizer que nós chegamos nessa canoa da transformação, mas só aqueles habitantes que estão lá no Rio Negro, aliás, no rio Uaupés e seus afluentes. Nós não sabemos de nossos parentes e cunhados que são os **Baniwa**, nossos parentes **Yanomami** e **Tariano** também. Eles não vieram da canoa de transformação, por isso eles têm uma outra visão do mundo, mas o resto que está no Rio Negro vieram todos nessa canoa. Então, quem veio dirigindo foi o **Ye'pá Ũãkihi**, o Guia de Todos os Tempos. Ele também é visto como o **Umukoho Ñeki**. **Umukoho** é o tempo, **Ñeki**, aquele que fez o mundo.

Nossa faculdade foi assim, falando dos espíritos, nos transformando em espíritos. Continuamos acreditando nas forças espirituais do meio ambiente, das águas. Muitas vezes nós falamos mais com os antropólogos, porque eles adoram as nossas histórias, mas precisamos falar com os nossos filhos para que não percam essas tradições. Nossos filhos, nossas filhas têm que aprender a mexer com os sentidos espirituais e escrever bem. É isso que é **Ye'pá Ũãkihi**, Guia de Todos os Tempos. Na verdade, o

tempo do índio não é de 12 meses, de 365 dias, tempo é tempo. Não sei em quanto tempo nós chegamos lá, quanto tempo que a gente chegou até aqui. Mas essas memórias nós preservamos. Vocês são pesquisadores que animam os pensadores indígenas que não sabem escrever. Eu sou de falar, eu sou da oralidade.

**AILTON KRENAK:** Na verdade eu fiquei viajando e muito feliz com a provocação que a Daiara fez e que o Álvaro nos levou àquele lugar que eu tinha feito referência a ele, a experiência do tempo anterior à angústia de contar o tempo, àquele lugar das narrativas de criação de mundo, exatamente por não haver angústia. É a experiência que o Álvaro acabou de repetir, que é outro tempo, o tempo onde a experiência do ser é a incerteza viva. É não querer saber de nada. Incerteza viva.

Quando eu fui perguntado uma vez sobre a referência que eu tinha feito ao tempo do mito, alguém me perguntou: “Mas o que é o tempo do mito?” O tempo do mito é o tempo da incerteza viva, experimentar a incerteza. Gente-peixe não quer ter certeza de nada, gente-árvore não quer ter certeza de nada. Essa montanha que está aqui ao meu lado não quer ter certeza de tempo nenhum, porque ela tem uma eternidade. Se é possível imaginar uma coisa com essa duração, com a duração do planeta, com a duração da Terra, desse organismo maravilhoso que nós chamamos de Gaia... Emprestamos dos gregos esse termo, porque ele já foi articulado como teoria, ele já foi explicitado como tese, como uma argumentação consistente de que esse organismo é vivo, tem humor, tem memória. Ele tem uma memória fora do tempo. O tempo só é contado na biosfera desse organismo Terra, onde a gente compartilha com ele essa experiência de mundo. É só aqui dentro que ele é contado, fora daqui ele não é contado.

Eu acho que vocês já viram alguma referência às ficções quando um cara decola em uma nave aqui da Terra e vai para Marte ou algum outro planeta e o tempo que ele ficou lá é contado aqui na Terra, sei lá, foi há 200 anos, foi há não sei quanto tempo... E ele volta e chega aqui e não tem mais aquele mundo que ele cogitou. Ora, é claro que não, porque o mundo está o tempo inteiro se recriando, ele saiu, ele voltou e tinha outro mundo.

Aquele mundo que não existia, ele persiste agora? Claro que sim, ele está ao seu lado, acima de você, de banda, ele está te atravessando, como se você estivesse surfando em uma onda material, uma onda mesmo, oceânica, e tem água para todo lado. Essa possibilidade desses mundos estarem coexistindo é maravilhoso, porque ele liberta a gente da angústia do tempo. Eu sei que nós estamos vivendo agora uma fase que muita gente está angustiada com o tempo, até quem não pensava nisso está pensando: “Quando é que eu vou sair daqui desse confinamento?” Se você fizer a experiência verdadeira de todos os tempos simultaneamente passando e você atravessando essa experiência, você vai sair dessa angústia do tempo. Seja uma incerteza viva. Essa é a minha convocatória: seja uma incerteza viva. Se alguém quiser marcar alguma coisa com você amanhã, diga: “É provável, pode até ser, mas eu não tenho certeza nenhuma. Porque seria um gesto antecipado a gente dizer alguma coisa sobre o amanhã. Se a gente tiver com a potência de criar mundo, sim.”

**IDJAHURE KADIWEL:** Como o pensamento indígena, para o qual a oralidade é fundamental, pode nos ajudar a lidar com a nossa sociedade cada vez mais desatenta e ansiosa e que tem como marca o predomínio das imagens em fluxo? Como manter as palavras vivas, as palavras carregadas de estrela? Uma curiosidade sobre esse plano das palavras faladas, que é a base do conhecimento indígena desde sempre...

**AILTON KRENAK:** Me parece que é a base do conhecimento dos humanos, todos, independente dos indígenas. Todo o conhecimento, por milhões de anos, ele foi celular, ele estava nas nossas células, todo, todo o conhecimento do mundo. As grandes narrativas de criação do mundo, desde os Vedas, passando pelo Gilgamesh e todas as outras maravilhosas aventuras de criação de mundo, todas, todas elas sempre estiveram nas nossas células, vocalizando, dançando, gritando, desenhando, riscando nas pedras... E essa antiguidade, dessas palavras vivas, são elas que mantiveram a gente com o fogo possível, de memória, da gente saber coisas sobre nós, não sobre os outros, sobre nós. Então essa experiência é radical, ela se opõe de uma maneira orgânica à ideia do registro. É aquilo que o Kopenawa Yanomami diz: “Os brancos escrevem suas ideias em

papel, porque eles têm o pensamento cheio de esquecimento.” Essa frase é uma frase maravilhosa, porque ela denuncia o artifício de fazer um registro, na memória, para você se desfazer dela. É isso que é o pensamento cheio de esquecimento. Ele está predisposto ao esquecimento, ele se dispõe ao esquecimento. Então ele faz anotações e deixa em algum lugar. A oralidade, ao contrário, ela reaviva esse fogo da memória, como um exercício de criação de mundo, é uma certeza de constante recriação, talvez seja a própria ideia de metamorfose. Da metamorfose, nos termos que ela é argumentada, por exemplo, pelo nosso querido Emanuele, nessa publicação que já foi matéria de um desses encontros<sup>5</sup>. Eu acho que ela é coladinha nessa reivindicação de uma memória celular. A gente se transforma, mas a gente leva a memória. A gente era árvore e é por isso que a gente consegue conversar com a árvore, a gente encontra com a árvore e sabe que ela tem memória, porque nós temos memória compartilhada. Então essas células de memória, elas estão em tudo.

Teve uma vez que eu bati em uma mesa e eu disse: para mim essa mesa é natureza, tudo é natureza. Era um esforço de aproximação de conceitos com pessoas que têm uma limitação muito grande, uma objetividade chapante, que faz com que eles só vejam o que é imagem, o que é possível configurar de uma maneira óbvia. Se for alguma coisa que escapa a essa observação objetiva ela vira uma visão, uma intuição.

Eu sei que tem muita gente que acha que a oralidade se alimenta de uma intuição, que não há uma inteligência ativa, mas uma intuição. E querem atribuir essa inteligência ativa a uma sistemática de conhecimento. Lá na década de 90 teve um debate no Brasil relacionado à Convenção sobre Diversidade Biológica, que era como atribuir valor àquele conhecimento tradicional sobre um uso, por exemplo, de um princípio ativo de uma planta, ou de uma aranha, ou de um fungo, ou de uma serpente. Como você atribuiria valor a esse tipo de conhecimento que alguns humanos têm sobre isso, quando isso pode ser transformado em mercadoria, quando isso pode ser transformado em uma vacina, um

---

5. A partir de suas pesquisas sobre a inteligência das plantas e a percepção da vida, o professor e filósofo italiano Emanuele Coccia participou do ciclo de estudos Selvagagem em 2019, tendo, no ano seguinte, publicado *Metamorfoses* pela editora Dante; desde então prossegue sendo um constante interlocutor das atividades do ciclo por meio de conversas, consultorias e publicações.



remédio, em um recurso ou mesmo em um aparato que vai virar um objeto reproduzido, distribuído aqui nesta sociedade da mercadoria? Pois bem, esses possíveis lugares de conhecimento coexistem, eles não se excluem. A questão é que uma parte desse conhecimento, hegemônico, ele pretende obscurecer as outras formas de transmissão desse conhecimento que eu estou dizendo que é celular, que está em tudo. Se eu vou no quintal, pego uma espiga de milho e tiro lá do pé de milho uma espiga e vejo que ela está tenra, está boa para comer crua, não precisa cozinhar, é boa para mastigar, tem uma memória naquele milho. Ele compartilha comigo essa memória, mas eu tenho que estar predisposto. Se eu não estiver predisposto a isso, eu como o milho como se eu estivesse comendo uma pipoca ou qualquer outra coisa. Então a experiência contagiante, predisposta a esse contágio é que tem a ver com a oralidade, tem a ver com essa transmissão infinita de fórmulas que configuram mundos, materialidades de mundos. A gente poderia concluir dizendo que tudo é vivo. Então a morte não está com nada. Tudo é vivo.

**ÁLVARO TUKANO:** A oralidade é muito boa para a gente navegar nessa canoa da transformação ouvindo os velhos ou as velhas contarem como é o nosso mundo, quem somos nós, como funcionam as nossas cerimônias, onde aconteceu tal doença, quem inventou a doença e como ele inventou a cura dessa doença. Por isso essa oralidade é muito importante. Como vocês estavam falando sobre conhecer a geografia dos antigos, então nós falamos da geografia dos nossos antigos, passeamos, observamos, valorizamos os povos que vieram nessa canoa, por exemplo, o povo *Pira-Tapuya*, ele, para nós é *Waimahsã*, *Wai* é peixe, *Mahsã* é gente. Ele que foi o grande comandante que trouxe esse barco para nós, no timão, no leme, direcionando o barco. Os remadores eram os peixes-humanos-espíritos-animais. Então nós chegamos aqui com aquela força espiritual e assim acreditamos ainda. Quando nós vamos fazer uma grande viagem, nós fazemos proteções espirituais. Éramos animais, no tempo nos transformamos. Onças, macacos e outros tantos animais aconteceram naquela época para servir hoje, como animais de proteção espiritual, para fugir dos nossos inimigos que hoje encontramos, seres humanos ou não. Quando nós nos transformamos no espírito da

cobra, ninguém vai nos tocar. Nosso pensamento de entender o mundo é muito complexo, por isso muita gente quer nos transformar em gente civilizada e se confunde.

O povo *Yepamahsã* e *Umukomahsã*, que são os *Desana* e outros, nós somos resultado dos espíritos das flautas sagradas, nós somos espírito dos bancos, cones e bastões sagrados, nós somos desse mundo. Então essa coisa é muito difícil de acreditar para quem não é *Tukano*. Quando nós vamos fazer as bênçãos para nossos filhos, nossas filhas nos ritos de iniciação, nós preparamos esse mundo espiritual para que eles possam se desenvolver física e intelectualmente para aprender essas histórias, defender o meio ambiente, fazer as suas cerimônias; por isso a oralidade é importante. O jeito de falar e contar a história depende de cada clã, de cada pai, de cada momento, são vários momentos de emoções que tocam nosso coração.

Meu pai está hoje com 110 anos, está vivo, ele é um contador de histórias. Ele me conta e eu tenho que escutar. Quando eu chego na minha comunidade, lá na aldeia, onde está o começo do Pico da Neblina, estamos na região dos Seis Lagos, no meio da floresta, nós ainda estamos ouvindo essas histórias antigas que nós estamos falando aqui. Em outras aldeias, espalhadas pela região, essas histórias estão sendo repetidas pelos seus pais. Mas o Estado proíbe muita coisa, tudo que é conhecimento do índio, o governo acha que é dele. Nós não somos objeto do Estado e de ninguém, não precisamos de santinhos, de miçanga, queremos ser ouvidos, queremos nossos filhos, nossas filhas perto da gente para aprender essas histórias. Quando nós tomamos *kahpi*, tem um momento que é muito importante. Essa mensagem que nossos pais nos dizem, no auge das mirações, eles estão dizendo é que a bebida do *kahpi* é que transforma o homem, a inteligência, a nossa história, para gente entender a importância do homem aqui na Terra, para preservar o meio ambiente, que é a nossa família. Nós cantamos com a língua dos nossos antepassados.

As línguas indígenas, os costumes e as tradições devem ser preservados por todos os povos. Mas tem que ter o apoio de vocês. Sem apoio nós perdemos dia a dia, com a chegada dos celulares, de outras informações, isso atrapalha nossos filhos e nós mesmos, o mundo fica podre

desse jeito. Esse movimento que estamos fazendo aqui é importante. Precisamos trocar ideias, emoções, trocar os verbos antigos quando fazemos cerimônia para os doentes ficarem curados.

**FRANCY BANIWA:** Quero compartilhar um pouquinho da minha experiência sobre a importância da oralidade. Acho que para muitos filhos, muitos netos, depende do interesse da pessoa. Eu tenho um filho de 16 anos que é músico, e meu pai toca mais de dez instrumentos musicais, ele é benzedor, ele é cantor. Meu filho toca violão, guitarra, contrabaixo e o interesse dele é em aprender os instrumentos musicais do nosso povo. Então ele senta muito com meu pai e ele começa a falar sobre esses instrumentos musicais. Porque não é só você pegar um instrumento musical e começar a tocar, a música passada pelos instrumentos é cantada, então ele começa a ensinar ele a cantar e depois passa esse canto para o instrumento musical. Então tudo isso é uma oralidade que não tem uma explicação, essa importância da fala, do diálogo, do meu filho com o meu pai toda a manhã, todo o final da tarde, e é uma coisa que é muito do interesse do meu filho. Porque meu pai sempre diz: “Eu não posso obrigar você a aprender uma coisa que você não quer. Eu não posso falar para você, a não ser você chegar e dizer: ‘Avô, eu quero aprender isso’. Eu sou uma biblioteca viva, mas se vocês não quiserem aprender, eu não posso brigar.”

Um dia eu sei que meu filho vai estar na academia, mas vai carregar todo o conhecimento e aprendizado da oralidade com ele, então eu acho que associar esses dois conhecimentos é fundamental nessa criação e nessa construção do corpo e da mentalidade da pessoa. Em novembro a gente estava na comunidade e teve um evento cultural muito grande entre os Baniwa e outros povos e foi interessante porque ele foi o primeiro nessa construção toda a tocar japurutu com o meu pai. Isso foi muito importante para a minha família e como exemplo para outros jovens que não estão com esse interesse. Me lembro que a gente chegou lá na última comunidade, na fronteira, em Ucuqui Cachoeira, e essa notícia tinha chegado aí. E meus primos disseram: “Eu quero aprender a tocar, porque o Fabrício, de 16 anos, está aprendendo a tocar japurutu e eu que tenho 30 anos, 25, 28, ainda não sei”. O interesse despertou aprendizado.

Essa oralidade é muito importante nesse processo de aprendizado. A oralidade, que Álvaro pontuou, é fundamental. É fundamental porque é pela oralidade que você vai aprender a benzer, é por essa fala que você vai aprender a cantar, pensando nesses momentos de transformação. Para a gente a oralidade é a base de tudo, é a base da nossa transformação como ser humano.

**IDJAHURE KADIWEL:** Como nós, que não vivemos corporalmente essas cerimônias, que não temos a experiência do convívio íntimo com todos os seres da floresta, como podemos transformar, como podemos aprender e como podemos transmitir essa narrativa viva? Essas plantas, o *kahpi*, são importantes para invocar as memórias ancestrais?

**ÁLVARO TUKANO:** Muito bom a gente falar, insistir para continuarmos diferentes como povos irmãos, índios. Nós somos iguais, mas somos diferentes dos demais brasileiros espalhados em diversas federações do país. Não podemos dizer não para quem quer aprender as questões indígenas. Como dizia meu pai: “Só diz não, quem não sabe”. Para quem sabe, nós estamos aqui para servir, para conversar com jovens, homens e mulheres. Para entender que nós somos assim diferentes. O que está aqui não serve e não servirá para as futuras gerações. Como já falei para o Krenak, não dá para gastar muita voz falando de lamentações. Nós estamos sem autonomia, sem gente, filhos e filhas para aprender. A força que temos que dar para os jovens, os jovens precisam de amor, ouvir nossas histórias, ficar conosco para fazer esse tipo de trabalho que é tão importante. Poderíamos fazer uma live, como é a cerimônia *Yanomami*, *Tukano*, *Baniwa* ou outra, porque é um povo irmão, cunhado, que nós respeitamos muito, um povo tradicional, antigo, que conhece muitas coisas, como as demais. Também queria ouvir sobre a resistência da mulher no Nordeste, porque lá o poder é matriarcal, são grandes líderes espirituais, de juremeiros e juremeiras, como é que eles curam. Ou lá na região Sul, como é que os *Kaingang* ou *Guarani* nascem rezando e morrem rezando. O *Maxakali*, todo mundo tem medo de morcego e morcego para ele é salvador. É um contraste. É. Mas índio é assim. Muita gente não quer saber do índio. Acha que índio está acabando e tem que sumir

do país. O índio ainda é o futuro da humanidade para muita gente e nós precisamos viver muito bem, preservando os nossos conhecimentos e o meio ambiente. O que nós estamos falando é de coração.

O *kahpi* é a bebida que está na nossa floresta. O *kahpi* são várias coleções, são doze espécies de *kahpi*. *Ipadu* é outra história, é a coca, sempre na floresta indígena, é para você não dormir quando for aprender cerimônias. Nós temos *mu'ro*, que é tabaco, charuto grande, é para você defumar, defumar o seu pai ou o seu pai lhe defumar ou defumar os jovens para não ficar doente. São todas cerimônias com muito cuidado, com muitas regras. Então essas regras quem pratica somos nós.

Quando nós fazemos cerimônia de *kahpi*, nós estamos chamando os espíritos das águas, das florestas, das nuvens, é uma grande energia que nós entendemos que é assim que funciona o *Umukoho Ñeki*, o criador do universo. Muita gente não entende, *Umukoho Ñeki* é tudo isso, é o pensamento de todas essas criações que aconteceram durante as transformações até aqui. Por isso a gente tem que ser diferente. Para nós, nossa sabedoria não é um negócio, não é uma mercadoria, como muita gente quer privatizar o índio, privatizar a água. Não é assim que funciona. Nós trabalhamos com coisas espirituais, com ética, nós não somos líderes formados para defender uma ideologia. Nós somos lideranças que realizamos e aprendemos as práticas de cerimônias, nossos cantos com nossos pais, somos chefes naquela região, para esses momentos, diante do nosso povo. Não aprendemos nada aqui na cidade, levantamos bandeira, levamos pancada. Tem que ficar na floresta, tem que tocar *japurutu*, fazer novas gerações, dar a vida às nossas florestas, fazer bons caçadores, bons pajés. Vamos tomar *ayahuasca*, tomar medicina sagrada, *ipadu*, coca, isso que dá sustento espiritual para as nossas lideranças.

Nossos filhos hoje, muitos não querem aprender a tocar, a fazer cerimônias, são preguiçosos. Já começou assim, no começo da humanidade com homens preguiçosos. Quando homem não quer, chama a Daiara, chama outras lideranças. Precisa dar uma abertura, era somente de homens, não, agora tem que chamar essa turma. Vamos falar a verdade. Essa é a revolução que estamos fazendo. Fazer essa fala distante me parece um sonho verdadeiro. Espero que tenha conseguido levar essa mensagem. Nós mexemos com o espírito. Os brancos, de modo geral,

mexem mais com os números, com a grana. Isso é só alegria. Isso é bem viver. Estou mandando para vocês por telepatia.

**AILTON KRENAK:** Recebi por telepatia. Chegou aqui. Que maravilha. Eu sei que alguém nos perguntou para quem está vivendo sem a possibilidade de fazer essas cerimônias, de fazer essas celebrações, de ouvir as histórias, de viver essa fricção com a existência, como alcançar esse sutil contato com esses eventos que a gente fica anunciando de tantos mundos? Como escapar dessa cápsula, a que Idjahure se referiu, que a modernidade deu uma espécie de conduta para toda ideia de ser que coabita o planeta? A maneira de escapar dessa prisão é suspender o céu. Suspende o céu bem alto e você vai ter escape para todos os lugares, para todas as transcendentais viagens. O que a modernidade fez foi nos convencer de uma racionalidade e de uma objetividade que é muito pesada para a gente carregar. Precisa jogar essa carga fora e experimentar aquilo que eu anunciei no início da nossa conversa, a incerteza viva. A incerteza viva é uma experiência de não contar o tempo, de estar vivo em uma Terra viva.

**ÁLVARO TUKANO:** Tem muita gente que não conhece o Rio de Janeiro. A força que nós ainda temos lá do mato, nós trazemos daquela região, da Baía de Guanabara, que é *Õhpeko Ditara*. A Pedra da Gávea é o templo sagrado dos pajés, dos espíritos, dos trovões. O Dedo de Deus é a casa das mirações. E outras cobras grandes que estão lá dentro, são as nossas canoas de transformação da humanidade. É assim que nós vamos continuar falando.

A próxima vez vamos fazer um encontro na cidade do Rio de Janeiro, trazendo intelectuais e oradores, provando como funciona o nosso mundo, servindo coca, *ayahuasca* e outras medicações poderosas para curar as nossas filhas, os nossos filhos, que precisam de bênçãos para curar. Curandeiros nós perdemos, mas nós temos filhos e netos, que têm esses poderes, dos antigos.

Um abraço especial do povo *Yepamahsã* e de todos os povos que são *ayahuasqueiros* e *rapezeiros* que sonham por um mundo melhor.

**AILTON KRENAK:** A nossa família está aqui velando o corpo de um rio e quando a gente faz silêncio, ele conversa com a gente. Tem uma corrente de água que ficou invisível, mas ela faz barulho na cachoeira. Se eu colocasse um microfone vocês iam ouvir a voz do *Watu*. Nós estamos velando o *Watu* e a gente canta para ele. *Erehé*. A gente está cantando na cachoeira. Falando estou aqui, estou aqui. Seguimos. Nossas famílias estão aqui, estamos em paz. A gente escuta notícias de outras regiões do Brasil e a gente fica com o coração apertado. Quando nós velamos o nosso avô, o *Watu*, nós estamos também reverenciando os nossos parentes, todos que estão com os seus irmãos, com seus tios, com os avós passando esse tempo de aperto, mas nós invocamos esses outros mundos para a gente ter força e ficar como corpos vivos na Terra viva.

**IDJAHURE KADIWEL:** Estamos mergulhando e sendo gratos. Obrigada, Anna, pela responsabilidade de estar aqui no prumo dessa canoa. Essas conversas desde antes do mundo, de antes do mundo... É só uma correnteza. Seguimos nesse terror e maravilha, maloca do universo.

**FRANCY BANIWA:** Aproveitando esse momento oportuno para agradecer. Viajando nessas narrativas. Gratidão por esse momento, a gente aprende nessas trocas, muita coisa... E compartilhar um pouquinho da importância da fala, como mulheres, como mulher indígena, que saiu de sua comunidade que não fala muito bem português, mas a gente tenta aprender e compartilhar um pouco desses conhecimentos tão importantes. Estamos passando por um momento tão difícil e nessa partilha nos fortalecemos, falando desses laços, da importância dessas falas, da nossa história.

**DAIARA TUKANO:** Vamos remando. Remando. Continua remando. Respirando e remando e seguindo as estrelas. Não tem coisa mais linda que ver o céu da noite no Rio Negro. E as andorinhas. Obrigada por essa oportunidade de reunir essa família peixe nessa canoa, nessa canoa colorida.

## **AILTON KRENAK**

Pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o *Selvagem* – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Companhia das Letras, 2019), *O Amanhã Não Está à Venda* (Companhia das Letras, 2020), *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2020) e *Futuro Ancestral* (Companhia das Letras, 2022)

## **ÁLVARO TUKANO**

É um dos principais nomes da resistência indígena nas últimas quatro décadas, tendo como base o Alto Rio Negro. Foi um dos idealizadores do projeto Séculos Indígenas no Brasil e é atual diretor do Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília.

## **ANNA DANTES**

Seu trabalho estende a experiência de edição para outros formatos além dos livros. Há dez anos realiza, junto ao povo *Huni Kuĩ*, no Acre, o projeto *Una Shubu Hiwea, Livro Escola Viva*. Em 2018, criou o *Selvagem*.

## **DAIARA TUKANO**

Daiara é filha de Álvaro Tukano. É artista visual, professora e ativista pelos direitos indígenas. É também comunicadora e coordenadora da Rádio Yandê, primeira web-rádio indígena do Brasil.

<https://www.daiaratukano.com/>

## **IDJAHURE KADIWEL**

Idjahure Kadiwel é poeta e antropólogo, sendo atuante também como editor, tradutor, intérprete e roteirista. Nascido no Rio de Janeiro, é pertencente aos povos Terena e Kadiwel, do Pantanal sul-mato-grossense. É graduado em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2017), mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ (2020) e doutorando em Antropologia Social pela USP. Desde 2016 é correspondente da Rádio Yandê. Seus trabalhos e pesquisas enfocam as etnomídias e as artes indígenas.



## FRANCY BANIWA

Francineia Bitencourt Fontes (Francy Baniwa) é mulher indígena, antropóloga, fotógrafa e pesquisadora do povo Baniwa, clã *Walipere-dakeenai*, nascida na comunidade de Assunção, no Baixo Rio Içana, na Terra Indígena Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. Engajada nas organizações e no movimento indígena do Rio Negro há uma década, atua, trabalha e pesquisa nas áreas de etnologia indígena, gênero, organizações indígenas, conhecimento tradicional, memória, narrativa, fotografia e audiovisual. É graduada em Licenciatura em Sociologia (2016) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É mestra (2019) e doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS-MN/UFRJ). É pesquisadora do Laboratório de Antropologia da Arte, Ritual e Memória (LARMe) e do Núcleo de Antropologia Simétrica (NAnSi) da UFRJ, e do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI) da UFAM. Atualmente coordena o projeto ecológico pioneiro de produção de absorventes de pano Amaronai Itá – *Kunhaitá Kitiwara*, financiado pelo Fundo Indígena do Rio Negro (FIRN/FOIRN), pelo empoderamento e dignidade menstrual das mulheres do território indígena alto-rio-negrino.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Este caderno é uma coedição com Idjahure Kadiwel que orientou o *ciclo de leitura Antes o mundo não existia*. Contamos com a especial colaboração de Lu Kawa que transcreveu a fala deste encontro.

Mais informações em [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br)

## LU KAWA

Lu Kawa é designer e artista. Faz parte do núcleo feminista de arte e pensamento Criação em Ato e da Associação Ecológica Vale dos Lagos, um projeto coletivo para a regeneração da Mata Atlântica.